

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)18 abr 2017 | O Globo | CATARINA ALENCASTRO catarina@oglobo.com.br

A gênese de uma máquina criada para pagar caixa dois

Sistema foi evoluindo ao longo do tempo até envolver quatro níveis de contas em offshores

Em depoimento de mais de uma hora, Marcelo Odebrecht, ex-presidente da Odebrecht, explicou aos procuradores como foi arquitetado o sistema do caixa 2 da empresa para dificultar o rastreamento do dinheiro e organizar os pagamentos. O sistema teria sido montado em camadas, desde a captação do dinheiro até o seu envio ao destinatário, por meio de quatro níveis de contas em offshores. Apenas as contas de nível um eram associadas à construtora. As contas de níveis dois, três e quatro, também hospedadas em offshores, eram movimentadas por operadores, em geral doleiros, que ficavam responsáveis pelos pagamentos finais.

O delator conta que nem sempre o modelo foi tão sofisticado assim. Foi evoluindo aos poucos. Até 1990, a geração e o pagamento de caixa 2 eram unificados — e a estratégia era basicamente a assinatura de contratos falsos com o receptor do dinheiro, mediante a emissão de notas fiscais frias. A partir de 1995, decidiu-se separar os negociadores de caixa 2 e os pagadores. Esse *modus operandi* se manteve até os dias de hoje, mas no início tinha como operador apenas um assessor.

Em 2005, Hilberto Mascarenhas assumiu a função e montou uma equipe. Assim nasceu o setor de operações estruturadas, que tinha um sistema de comunicação interna (Drousys) e de checagem de saldo para os pagamentos. Marcelo lembrou que em 1993, a Odebrecht foi envolvida nas investigações da CPI dos “Anões do Orçamento” e se viu obrigada a mudar de estratégia para continuar realizando os pagamentos por fora da contabilidade oficial.

O delator relata que a utilização de caixa 2 era vista como algo natural na empresa:

— Dentro da empresa, a maior parte dos empresários, eu cresci assim também, não via a grande ilicitude no uso específico do caixa 2. Porque você racionaliza que a forma do caixa 2 é por uma questão de como a construção funciona. Então, você entende que o uso é legítimo.

Marcelo contou que o dinheiro para o pagamento de caixa 2 era gerado fora do Brasil, em países onde a Odebrecht tinha negócios e que apresentavam problemas para a remessa de lucros. Esse dinheiro era depositado nas offshores de nível um. Esse sistema só era possível porque, segundo Marcelo, os próprios bancos eram coniventes. PAGAMENTO A MILÍCIAS No Brasil, o esquema funcionava da seguinte maneira: o diretor, ou “empresário”, como era chamado internamente o executivo da empresa que manuseava recursos de caixa 2, passava para o centro de custo o codinome do destinatário do dinheiro, o valor e a conta. O centro de custo fazia a checagem do saldo e o pagamento era autorizado. Em tese, a equipe do setor de operações estruturadas, que operacionalizava o pagamento, não deveria saber o destinatário do dinheiro, pois só receberia um pedido e um codinome. Mas, no fim das contas, o sistema foi corrompido, e o próprio pessoal do setor estava negociando com os destinatários e criando os codinomes.

Marcelo contou sobre outros pagamentos “por fora”, até para milícias e sequestradores:



— Por exemplo, você não atua em países com guerrilha ou nas favelas do Rio sem pagar milícias. Então, tem muito dinheiro que corre. Então, a gente paga sequestro. Para trazer o corpo do engenheiro nosso que foi sequestrado no Iraque eu participei, junto com o governo brasileiro, da negociação. A gente deu, se eu não me engano, um ou 5 milhões de dólares.

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | www.newspaperdirect.com, EUA/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)